

Foi um dia de alegria e tristeza, e um dia em que se ampliaram os limites da compreensão

## Êle Voltou Para Casa

ARTHUR GORDON



**H**Á ALGUMAS semanas, perdi um amigo. Perdi-o por algum tempo, pelo menos. O que ocorreu talvez tenha sido inevitável, talvez não. Desde então tenho pensado bastante no assunto.

Durante tôda aquela noite, a mão prateada da Lua havia estimulado suavemente o mar. Agora, ao nascer do Sol, o mar estava banhando as

praias, subindo, veloz, pelas enseadas e angras, e inundando as extensas pradarias de côres verde e âmbar do capim do pântano. Na região onde moro, essas marés altas no outono são conhecidas como marés de frangos-d'água, porque só então é que aquelas desconfiadas aves podem ser levantadas de seus esconderijos. Naquela clara manhã de outubro,

com uma brisa marítima soprando do leste, eu havia prometido levar meu amigo Jim para caçar frangos-d'água.

—Esteja no cais às sete—eu lhe havia dito.—Se a maré subir bastante, vamos tentar.

Um gesto sentimental, realmente. Quando meninos, nesta ilha costeira, Jim e eu éramos inseparáveis. Descalços, queimados pelo sol, de cabelos desalinados, nós pescávamos e nadávamos, apanhávamos camarões, ovos de tartaruga, pegávamos e vendíamos caranguejos, enquanto os dias de verão desfilavam como contas de um colar dourado. Depois vieram colégios diferentes, empregos em lugares diversos, e anos de separação, até que de repente, um dia, Jim voltou. Uma crise cardíaca lhe impusera uma vida mais calma, e a necessidade de arranjar um trabalho menos exaustivo. Além disso, explicou êle, nunca se sentira realmente feliz longe do mar.

Uma ou duas vezes por ano eu o convidava para sair comigo, no meu pequeno barco com motor de pôpa. Pescávamos peixes de arrebentação, seguíamos os riachos sinuosos, ou caminhávamos pelas praias varridas pelo vento. E, quando o fazíamos, era como se o tempo tivesse voltado atrás. Éramos novamente crianças, e a velha intimidade, o riso fácil e a harmonia completa reapareciam imediatamente. Isto pode acontecer, às vezes, quando as experiências compartilhadas da infância são suficientemente profundas.

Naquela manhã, entretanto, quando me dirigi ao cais, acompanhava-me uma preocupação indefinida e inexplicável. Disse comigo mesmo que era provavelmente a consciência pesada: eu realmente não tinha o direito de estar caçando frangos-d'água quando havia uma dúzia de serviços urgentes por fazer. No entanto, lembrei a mim mesmo que estaríamos de volta bem antes do meio-dia. E, além disso, eu havia prometido a Jim.

Êle chegara antes de mim, e conversava com Andrew, o velho empregado do cais, um negro com mais de 80 anos, mas que ainda joga uma rêde melhor do que qualquer outro homem que eu conheça. Quando me aproximei, Jim sorriu, com seu esgarçado boné de pescador empurrado para trás, e me ocorreu a idéia de que os anos podem mudar muita coisa no homem, mas não o seu sorriso, nem os seus olhos. Êle apontou para a pequena espingarda de caça que eu segurava, e que era quase um brinquedo.

—Só uma arma hoje?

—Hoje—respondi-lhe—eu vou ficar sentado, e ver você errar o alvo.

Eu tinha um motivo para querer que Jim desse todos os tiros. Para quem maneja o barco, caçar frangos-d'água é um trabalho pesado. É proibido ligar o motor. Tem-se de empurrar o barco com os braços ou com uma vara, ou remar, às vezes contra o vento e a maré, muitas vezes por entre vegetação cerrada. Achei que Jim não agüentaria aquêle tipo de

esfôrço. Uma estranha troca de papéis, na verdade. Em nossos tempos de meninice, houve dias em que Jim, mais velho e mais forte, tivera de cuidar de mim. Mas agora as coisas estavam mudadas.

Andrew segurava o barco enquanto embarcávamos. A zona onde eu queria caçar ficava a oito ou 10 quilômetros de distância, bem abaixo das solitárias praias da barra. Lá, ao longo do leito de alguns riachos, o capim do brejo era alto, e encontrávamos as aves. Com o motor a tóda a velocidade, poderíamos fazer o percurso em 15 minutos—talvez menos, se a maré estivesse bastante cheia para cortarmos pelos pântanos.

Jim sentou-se, virado para a frente, com os ombros um pouco recurvados, e eu sabia que cada marco da paisagem que passava continha as mesmas recordações para êle como para mim: o ponto onde puxamos para a praia o enorme peixe-martelo; a ribanceira onde encontramos o esqueleto do índio pele-vermelha; o pinheiro onde as águias-pescadoras tinham o seu ninho. Era como olhar por um telescópio às avessas, tudo claro, pequenino e distante. Hoje nós éramos homens de meia-idade e diferentes. Mas os desenhos movimentos do mar e do céu não haviam mudado, nem o ritmo das marés, nem o silêncio que ecoava, nem o isolamento, orgulhoso e imponente, de tudo aquilo. E, por isso, nós éramos gratos.

Chegamos enfim às verdes veredas de capim que procurávamos. As

aves, com seus bicos compridos, levantaram vôo. A pequenina arma cuspiu fogo, seu som ôco e minúsculo sob a imensidão do céu. Estava atirando bem, naquela manhã, meu amigo Jim. Mesmo decorridos tantos anos, errou poucas vêzes. Depois de cada tiro, insistia que era a minha vez de atirar. E tódas as vêzes eu me negava. Eu podia caçar a tóda hora, disse-lhe eu.

O sol estava mais forte; dirigir o barco era um trabalho cansativo. Várias vêzes, só para sentir a frescura salgada e limpa, saltei para a água, a fim de apanhar uma ave. Afinal, encharcado e ofegante, parei para descansar. A maré estava baixando agora; as pradarias verdes estavam reaparecendo; era hora de voltar. Em algum ponto bem acima de nós, uma gaivota deu o grito rangente, e lembrei-me de como nós costumávamos chamar um ao outro, em criança, assobiando duas notas, invertidas, do canto da codorna.

—Tivemos um bom dia—disse eu.

—Dos melhores—concordou êle.

—Está pronto para voltar?—indaguei.

—Ainda não—disse êle.—Você ainda não deu um só tiro.—Apontou para uma faixa de capim.—Creio que vi uma ave nadando ali. Pegue a arma e deixe-me remar. Ficarei sentido se não o fizer.

Eu não queria que qualquer ressentimento estragasse aquela manhã.

—Vá devagar, então—disse eu.

Atravessamos o trecho reluzente de mar. Curvei-me para a frente, de

arma pronta, mas nada se mexia.

—Aquêlê frango deve ter seguido em frente—disse eu.

Mas aí alguma coisa fêz com que eu me virasse.

—*Jim!*

Êle havia tombado para a frente, em silêncio; o boné caíra no fundo do barco. Sua mão direita ainda segurava o desgastado remo. Peguei no seu pulso. Se havia pulso, eu não o conseguia sentir. No silêncio enorme e repentino, o tempo parecia hesitar, prolongar-se até ao infinito, e depois voltar correndo. Naquele momento, tudo havia mudado. E, no entanto, embora pareça estranho, não me senti em pânico, nem desesperado, nem sozinho. Era como se a intimidade que havíamos sentido fôsse forte demais para ser anulada tão depressa; era quase como se Jim estivesse a me dizer:

—Sim, é um ataque de coração; o risco está sempre presente. Mas não deixe que isto o aflija. Nós saímos juntos. Tivemos um dia magnífico. Vamos voltar juntos.

Obriguei-me a descarregar a arma. Com cuidado, coloquei uma almofada sob a cabeça de Jim. Na segunda volta, o motor pegou, e o barco saltou para a frente, como uma seta disparada—quase como se tivesse compreendido. Dirigi com a mão esquerda. Com a direita, segurava o pulso de Jim, na esperança de sentir vestígio de pulso. Tinha de prestar atenção aos canais, mas de vez em quando olhava para baixo. A sensação da presença de Jim, de

sua personalidade, continuava muito forte. O sol tranqüilo ardia; e as garças levantavam vôo e se afastavam, enquanto eu conduzia o barco em volta das grandes curvas em feitiço de ferradura, os bancos de areia escondidos, e os recifes de ostras. Eu sabia, com uma precisão quase que de segundos, quanto tempo levaria para chegar até ao cais—e a um telefone.

Ainda assim, a reversão estranha do tempo—de passado e presente—parecia continuar. Estávamos ali, no barco em movimento, mas éramos também crianças despreocupadas, deslizando de volta para casa, sob êsse mesmo sol de outubro, numa velha canoa verde, com mastro de bambu, um remo à guisa de leme, e uma vela feita em casa. Era tudo um mesmo tecido, uma peça sem costuras. Uma parte de meu espírito ainda estava sob o choque, e incapaz de acreditar. Uma segunda parte, porém, serena e conformada, não sentia remorsos. Era assim que Jim o teria desejado: nada de médicos, nem de hospitais, nem medo, nem dor—só a companhia, a satisfação, e um passo, repentino e gracioso, para atravessar a linha.

Com a vida e a morte colocadas tão bruscamente lado a lado, os valores se alteraram, e parecia-me ver certas coisas com precisão e clareza. Que a verdadeira dimensão da vida não era a obtenção de dinheiro, nem de poder, nem de fama—era, sim, a percepção. Que a intensidade da percepção era a maior das dádivas.

E que, portanto, eu nunca deveria sentir-me culpado por procurar lugares ou experiências onde pudesse encontrar essa percepção. Ao contrário, a culpa residiria em não procurar essas coisas mais intensa e frequentemente. Pois ninguém tem prazo ilimitado.

À minha frente a praia se erguia, já próxima. Olhei mais uma vez para baixo, para o rosto pálido a meu lado, e de repente eu estava só. O barco seguia através da maré em rodopios, minha mão ainda segurava o pulso dêle, mas Jim havia partido. *Para onde?*—perguntei a mim mesmo, numa espécie de terror súbito.

*Para onde foi?* E não ouvi resposta.

Desliguei o motor e atirei uma corda para Andrew. Êle olhou para dentro do barco e depois para mim, seus velhos olhos pacientes e experientes. Tirou o chapéu com a mão que estava livre.

—Êle partiu—disse êle, com seriedade e delicadeza.—Êle voltou para casa.

Olhei para o outro lado da água, para a linha onde o pântano se encontra com o céu, e pela primeira vez senti um apêto na garganta e uma ferroadada nos olhos.

—Sim—disse eu.—É isso mesmo. Êle está em casa.



PLACA nas estradas da Carolina do Norte: "A Carolina do Norte Usa Radar Para Proteger Você Contra os Motoristas que Viajam em Excesso de Velocidade."

—*Journal* de Banks County, Geórgia, citado por Lee Aikman em *Constitution* de Atlanta



*Amém!*

AS PESSOAS que se preocupam com a poluição do ar e da água e males semelhantes sentirão um laço de simpatia com os membros do Conselho de Preservação da Inglaterra Rural, que há 35 anos atrás redigiu a seguinte invocação, a ser acrescentada à litania da Igreja:

"De todos os destruidores da beleza natural nesta paróquia e em tôda parte; de todos os poluidores da terra, do ar e da água; de todos os produtores de abominações visíveis; dos construtores incapazes, dos anunciantes desfiguradores, motoristas irresponsáveis e espalhadores de sujeira; das vilezas dos gananciosos e da incompetência dos estúpidos; do descaso dos indivíduos e da letargia das autoridades locais; de todos os odôres, ruídos e espetáculos maus—livrai-nos, Senhor!"